

humanitas



Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vol. 1
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



PARTICULARIDADES DO GREGO DO «NOVO TESTAMENTO»

O Grego em que foi, originariamente, escrito o «Novo Testamento», à excepção do evangelho de S. Mateus, é o grego popular, a linguagem corrente e familiar que os autores sagrados usavam e se falava à sua volta; é o grego helenista em oposição ao grego clássico; o grego comum, *κοινή διάλεκτος*, contrastando com a singularidade dos dialectos gregos quando estes mantinham ainda a sua vitalidade.

Após as guerras e conquistas de Alexandre da Macedónia, o ático seguiu a sorte do conquistador e dos seus sucessores e penetrou na Índia, na Palestina e no Egipto.

O comércio, a navegação, as emigrações e as colónias gregas deram ao grego uma difusão mundial. O Mediterrâneo foi o centro geográfico de uma comunidade de língua e cultura gregas.

Todavia, o ático levado longe pelas expedições guerreiras não era a linguagem dos literatos, oradores e historiadores; mas antes o grego usual depois de Alexandre-o-Grande, no tempo dos seus sucessores no Império Romano e em toda a Antiguidade Cristã, ou seja até ao século v. E, por grego usual, entenda-se não a linguagem da rua ou das trivialidades, mas a linguagem das relações pessoais, da conversação familiar, compreendida por todos e portanto ideal para nela se escreverem livros que deviam ser, pelo fim a que se destinavam, inteiramente populares. Pela sua maleabilidade, possuía a força e a vida requeridas para uma exposição doutrinal e pela sua simplicidade adaptava-se perfeitamente à média cultural das gentes a que se destinava.

Os Romanos, reduzindo a Grécia a província romana (146 a.C.) e apoderando-se do Egipto e do Próximo Oriente, facilitaram a expansão da *Κοινή* no Ocidente, em Roma, na Itália do Sul e na Gália, pela acção dos marinheiros, mercadores e emigrantes. O grego foi a língua universal; uma espécie de língua internacional, comum aos Sírios, Gregos, Judeus da Palestina e da Diáspora, na África do Norte e na Cirenaica.

Não se pense levemente que o grego bíblico, e nomeadamente o grego do «Novo Testamento», é apenas uma língua exclusiva da Sagrada Escritura; ela é antes uma língua de génio popular, uma língua viva durante cerca de dez séculos.

O grego neotestamentário é também uma língua literária. Nela se escreveram, além dos Livros Sagrados, contratos comerciais, inscrições religiosas e profanas, fórmulas de magia, cartas particulares, etc.. Dela se serviram os historiadores Políbio († c. 120 a.C.), Dionísio de Halicarnasso (fl. c. 31 a.C.), Estrabão († c. 19 p.C.), Filo de Alexandria († 45 p.C.), Flávio José († 100 p.C.), Plutarco († 120 p.C.), Padres da Igreja, etc..

As descobertas de muitas inscrições gravadas em pedra e em chumbo e, muito especialmente, a descoberta e a publicação dos papiros provenientes do Egipto trouxeram ao grego do «Novo Testamento» uma grande luz. Numerosas palavras até então tidas como pertencentes exclusivamente ao grego bíblico foram encontradas nos papiros egípcios e pertenciam, portanto, ao grego corrente. Novas luzes mesmo advieram destas descobertas para a Exegese Bíblica.

Influências dialectais. O grego do «Novo Testamento» ressentia-se, como naturalmente a *Κοινή* já se tinha ressentido, da influência dos dialectos e falares das diversas partes do mundo grego: Eólia, Jónia, Beócia, Tessália, etc.. Estas províncias e muitas outras regiões tinham, originariamente, os seus dialectos diferentes. Quintiliano diz que Crasso, quando era governador da Ásia, redigia as notas comerciais em cinco falares diferentes da língua grega, segundo os seus clientes (1). E, embora não estejamos ainda em condições perfeitas para avaliar com segurança da totalidade de vocábulos que destes dialectos passaram para a *Κοινή* e para o grego neotestamentário, é, porém, certo, que a fusão de várias gentes, o contacto das populações com tropas oriundas de diferentes partes, que serviam sob as ordens do conquistador macedónio, haviam, por certo, de introduzir novas palavras e conduzir a um idioma mesclado.

E, para melhor compreensão, exemplifiquemos:

São *jónicos* os termos: *ἔκτρομα* «aborto, feto abortivo» (1.^a Cor. 15,8); *ἀπαρτισμός*, «perfeita execução» (Lc. 14,28); e as formas: *ὄστέα* (Lc. 24,39); *ὄστέων* (Heb. 11,22); *ἀφέωνται* (Lc. 5, 20);

(1) *Institutio Oratoria*, XI, 2, 50.

Dóricos: *πιάζω*, «comprimir com as mãos» (Act. 3,7); *ἀμφιάζω* «vestir» (Lc. 12,28);

Macedónios: *ὄρυμη*, «rua estreita» (Mt. 6,2; Lc. 14,21); *κράββατος*, «leito pobre» (Mc. 2,4.12; 6,55; Jo. 5,8);

Fenícios: *βύσσος*, «linho fino» (Lc. 16,19; Ap. 18,12); *ἀρραβών*, «sinal, penhor» (2.^a Cor. 1,22; 5,5);

Persas: *ἀγγαρεύω*, «requisitar» (Mt. 27,32); *μάγοι*, «magos» (Mt. 2,1); *γάζα*, «tesouro público» (Act. 8,27); *παράδεισος*, «paraíso» (Lc. 23,43).

Mas não foram só os dialectos gregos que através da *Κοινή* se fizeram sentir no grego neotestamentário; também algumas línguas da época aí deixaram gravadas as suas características peculiares.

Hebreu. Entre todas as influências sofridas pelo grego do «Novo Testamento», nenhuma foi mais sensível do que a do Hebreu e do Arameu. A razão é facilmente compreensível. Os autores do «Novo Testamento» tiveram, na quase totalidade, o arameu como língua materna. Mesmo os que tinham nascido fora da Palestina, como S. Paulo e S. Lucas, tiveram uma cultura hebraica. Acresce ainda que o arameu palestinese foi a língua do Senhor. Em arameu foi exposta pela primeira vez a mensagem cristã e os redactores desta mensagem quiseram aproximar-se o mais possível desta língua, para serem mais fiéis ao pensamento do Mestre.

A pouca cultura intelectual de alguns hagiógrafos não lhes permitiu reagirem nem desprenderem-se total e perfeitamente da língua materna, quando abandonaram o falar arameu. Falando ou escrevendo em grego, continuavam a pensar em arameu e exprimir-se num estilo e mobilidade de pensamento que facilmente reconhecemos serem semitas. Ainda mesmo quando o vocabulário é grego, a justaposição ou paralelismo das frases, o uso das parábolas, das alegorias e das repetições frequentes são testemunhos vivos do estilo hebraico ou aramaico. Está neste caso S. João, que no Apocalipse nos dá um caso típico de parataxe hebraica, sem grandes erros gramaticais.

A tradução grega do «Antigo Testamento» na versão dos Setenta constituía já um modelo de *estilo bíblico* para os autores do «Novo Testamento» e do qual, por uma razão de continuidade, se não deviam afastar. S. Lucas que tinha possibilidades — como mostra no Prefácio do seu evangelho — de se elevar muito acima dos outros

evangelistas, adaptou-se sistematicamente a eles, seguindo o estilo bíblico.

O conjunto semita do grego neotestamentário dá à *Koiné* da Bíblia um colorido palestinese, historicamente divisível em hebraísmos e aramaísmos, a que devemos juntar os «rabinismos», ou sejam, certas expressões em uso nas Escolas Rabínicas e na boca dos Mestres da Lei. Este colorido semita, passando através da Literatura Apócrifa e dos escritos dos Padres gregos, documentos eclesiásticos e das instituições cristãs, chegou até nós.

Há *palavras hebraicas* apenas transcritas no grego do «Novo Testamento»: *γέεννα*, «inferno» (Mc. 9,43; Lc. 12,5); *Σατανᾶς*, «Satanás» (Mc. 3,26; Lc. 22,3); *ὡσαννά*, «glória» (Mt. 21,9; Mc. 11,10); *σάββατον*, «Semana» (Lc. 18,2; Mc. 16,9);

palavras gregas que, sob a influência do hebreu, tomaram significação nova: *σπλαγχνίζω*, «ter comiseração» (Mt. 14,14; Mc. 6,34; Lc. 7,13); *γινώσκω*, «conhecer», significando «relações matrimoniais» (Mt. 1,25; Lc. 1,34); *γλῶσσα*, «nação» (Apoc. 5,9, etc.); *μία* em vez do numeral ordinal *πρώτη*, na designação do primeiro dia da semana (Mt. 28,1); *περιπατέω*, «comportar-se» (R. 6,4; 2.^a Cor. 4,2); *σᾶρξ*, «homem» (Jo. 1,14). A palavra *υἱός*, «filho», toma, no grego bíblico, sob a influência semita, diversas significações: relações de qualidades morais, de imitação, mesma índole e costumes, maneira de proceder, etc.: *υἱός Ἀβραάμ*, «filho de Abraão» (Lc. 19,9); *υἱός διαβόλου*, «filho do demônio» (Act. 13,10); *υἱοὶ τοῦ αἰῶνος τούτου*, «filhos deste século» (Lc. 20,34); *υἱοὶ Θεοῦ*, «filhos de Deus» (R. 8,14) etc.;

expressões hebraicas transportadas para o grego: *ἀνιστάναι σπέρμα*, «dar descendência» (Mt. 22,24; Mc. 12,19; Lc. 20,28); *ζητεῖν ψυχήν*, «matar» (Mt. 2,20); *ἀνοίγειν τὸ στόμα*, «ensinar» (Mt. 5,2; 13,35); *γεύομαι θανάτου*, «morrer» (Mt. 16,28); *καλεῖν τὸ ὄνομα*, «rôr o nome» (Lc. 2,21); *ἔχειν εἰς*, «julgar» (Mt. 21,46); *ὁμολογεῖν ἐν*, «confessar» (Mt. 10,32); *μεγαλύνειν μετά*, «fazer misericórdia com alguém» (Lc. 1,58); *πᾶς ... οὐδείς*, ninguém (1.^a Jo. 2,21).

Genitivo de qualidade. O grego do «Novo Testamento» usa por vezes o genitivo de um nome em vez do adjectivo qualificativo: *σῶμα τοῦ θανάτου*, «corpo mortal» (R. 7,24); *ὁ κριτῆς τῆς ἀδικίας*, «o juiz iníquo» (Lc. 18,6); *ἄρτος τῆς ζωῆς*, «pão vivo» (Jo. 6,53).

A frequência destes genitivos de qualidade parece um decalque do hebreu que supre por eles a penúria dos adjectivos.

Semelhante ao genitivo de qualidade é o *dativo à maneira hebraica*, que consiste em reforçar a idéia expressa pelo verbo, por um dativo da mesma raiz: ἀκοῆ ἀκούσετε, «ouvireis com atenção» (Mt. 13,14); ἐπιθυμία ἐπεθύμησα, «desejei ardentemente» (Lc. 22,15).

Têm *sabor hebraico* as construções pleonásticas dos pronomes pessoais e outros, nos casos oblíquos: καθίσαντος αὐτοῦ προσῆλθον αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτούς, «sentando-se ele, aproximaram-se dele os seus discípulos e, abrindo a sua boca, ensinava-os» (Mt. 5,1); ἧς εἶχεν τὸ θυγάτριον αὐτῆς πνεῦμα ἀκάθαρτον, «cuja filha, dela, tinha um espírito imundo» (Mc. 7,25). No hebreu estes pronomes, ligados aos nomes ou aos verbos como sufixos, não dão a má impressão que têm no grego.

Servilismo hebraico é o emprego do feminino em vez do neutro: παρὰ Κυρίου ἐγένετο αὕτη, «isto foi feito pelo Senhor» (Mc. 12,11).

Estilo hebraico. A conhecida construção hebraica de parataxe, isto é, a justaposição das proposições em vez da subordinação, é frequente no «Novo Testamento»: ἦν δὲ ὥρα τρίτη καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν, «era a terceira hora quando o crucificaram» (Mc. 15,25); καὶ φέρουσιν τὸν πῶλον πρὸς τὸν Ἰησοῦν, καὶ ἐπιβάλλουσιν αὐτῷ τὰ ἱμάτια αὐτῶν, καὶ ἐκάθισεν ἐπ' αὐτόν, «e trouxeram o burrinho a Jesus e impõem sobre ele os seus vestidos e sentou-se sobre ele» (Mc. 11,7).

Paralelismo. A particular característica do estilo poético hebraico chamada paralelismo, nas suas diversas formas, não está ausente do «Novo Testamento»:

Ὅστις δὲ ὑψώσει ἑαυτὸν ταπεινωθήσεται
καὶ ὅστις ταπεινώσει ἑαυτὸν ὑψωθήσεται
«quem se exalta será humilhado
e quem se humilha será exaltado» (Mt. 23,12).

Aramaísmos. Além dos hebraísmos que dão ao grego do «Novo Testamento» uma cor característica de estilo bíblico, há ainda a notar os aramaísmos ou sejam palavras e expressões de pensamento e de forma aramaica.

Nomes próprios como Βαριωνᾶ (Mt. 16,17); Γαββαθᾶ (Jo. 19,13) etc. e vários nomes comuns e frases completas: ἄββᾶ, «ó pai» (Mc. 14,36); ἐφφαθά «abre-te» (Mc. 7,34); ῥαββί, ῥαββεί, (Mt. 23,7); ῥαββοννί, «mestre» (J. 20,16) ταλιθὰ κούμι, «rapariga, levanta-te» (Mc. 5,41); ἐλωῖ, ἐλωῖ λαμὰ σαβαχθανί, «meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste» (Mc. 15,34).

Como exemplo de fórmulas rabínicas cito apenas: *τί ὑμῶν δοκεῖ;* «que vos parece?» (Mt. 18,12).

Latinismos. É certo que os Romanos reduziram a Grécia a província romana sob o nome de Acaia e apoderaram-se do Egipto e dos países helenizados da Ásia Menor até à Mesopotâmia. Mas, em virtude da difusão da *Κοινή* e da superioridade da cultura grega, o latim nunca se impôs no Oriente.

A superioridade da cultura grega sobre a romana não permitiu romanizar a Grécia, mas, pelo contrário, Roma foi grecizada: *Graecia capta ferum uictorem cepit*. Foi ainda Roma, como já dissemos, que favoreceu a expansão do grego no Ocidente e preparou os caminhos ao Cristianismo.

O grego era mesmo o meio de comunicação entre as longínquas partes do Império Romano e a capital. S. Paulo escreveu de Corinto em grego à Igreja de Roma. S. Clemente Romano, escrevendo por sua vez de Roma para a Igreja de Corinto, fê-lo também em grego. O *Pastor de Hermas*, escrito em Roma, foi redigido em grego. Em grego foram também redigidas e gravadas muitas das inscrições das Catacumbas.

Todavia, se a superioridade e a maleabilidade do grego e o lugar já ocupado lhe valeram a resistência ao invasor, Roma tinha o domínio militar e administrativo, mantinha a ordem e fazia leis. Um número considerável de vocábulos latinos tinha entrado em uso no grego da época, especialmente termos militares, administrativos e de justiça. Alguns autores do «Novo Testamento» estiveram em contacto com as autoridades e instituições romanas, quer na capital, quer nas províncias, e por isso não podemos estranhar o emprego de alguns termos latinos na literatura neotestamentária.

São termos *militares*: *κεντυρίων*, «centurião» (Mc. 15,39.44); *λεγιών*, «legião» (Mt. 26,53; Mc. 5,9; Lc. 8,30);

administrativos: *κολωνία*, «colónia» (Act. 16,12); *δηνάριον*, «denário» (Mt. 18,28; Mc. 6,37; Jo. 6,7); *κῆνσος* «censo» (Mt. 17,25; Mc. 12,14); *κοδράντης*, «quadrante» (Mc. 12,42);

de justiça: *σπεκουλάτωρ*, «carrasco» (Mc. 6,27); *αἰτία*, «culpa, crime» (Jo. 18,38); *φραγέλλιον*, «instrumento de flagelação» (Jo. 2,15).

Frases de sabor latino: *δὸς ἐργασίαν*, «da operam» (Lc. 12,58); *τὸ ἰκανὸν ποιῆσαι*, «satisfacere» (Mc. 15,15); *συμβόλιον λαμβάνειν*,

«*consilium capere*» (Mt. 12,14); ἄξιός ἐστιν ὃ παρέξῃ τοῦτο, «*dignus est cui hoc praestes*» (Lc. 7,4).

Elemento cristão. De importância notável no grego do «Novo Testamento» são as palavras de origem cristã. A Revelação trouxe idéias novas, conceitos inéditos, mas essenciais para a vida cristã. Para os exprimir, foi necessário criar um vocabulário novo, criando palavras novas ou dando nova significação a palavras já existentes.

A primeira modificação linguística feita pelo Cristianismo foi naturalmente no arameu. Primeiro pelo Senhor, na evangelização dos seus compatriotas, e depois pelos Apóstolos e discípulos, na formação das comunidades cristãs da Palestina. Em seguida foi o grego que sofreu a influência das idéias cristãs pela acção dos evangelizadores.

É evidente que uma revolução profunda, como foi o Cristianismo, tinha necessidade de renovar a língua para se exprimir à vontade. Os conceitos cristãos de pecado, graça, regeneração espiritual, arrependimento, etc., vinham cristianizar e desenvolver a língua grega e por isso exigiam palavras novas ou adaptação de outras.

Palavras criadas sob a influência de idéias cristãs latentes: ἀλλοτριεπίσκοπος, «intruso, falso Bispo» (1.^a Pet. 4,15); ψευδαπόστολος «que ensina sem autoridade» (2.^a Cor. 11,13); ψευδάδελφος, «falso cristão» (2.^a Cor. 11,26); ψευδοπροφήτης «que falsamente se intitula profeta de Deus» (Mt. 24,11.24; Mc. 13,22).

Receberam *significação cristã:* σωτηρία, «glória eterna» (R. 1,16); ζωή «vida sobrenatural» (Jo. 6,35; Act. 3,15); εὐαγγέλιον, «pregação de Jesus e dos Apóstolos» (Mt. 4,23; Mc. 1,14 ...); πειρασμός, «tentação» (Mt. 6,13; Mc. 14,38; Lc. 4,13); δόξ, «doutrina» (Jo. 14,6); σκάνδαλον «acção que induz ao pecado» (Mt. 18,7; R. 11,9); χάρις, «benevolência de Deus» (R. 3,24; 5,15); παρουσία, «vinda final de Cristo» (Mt. 24,3-27).

São *frases cristãs:* κλᾶν ἄρτον, «celebrar a Ceia Eucarística» (Act. 2,46; 20,7.11); γεννηθῆναι ἄνωθεν «regenerar espiritualmente» (Jo. 3,3.7); ἀκολουθεῖ ὀπίσω μου «imita-me» (Mt. 10,38).

* * *

Mas não se pense que o grego do «Novo Testamento» é o grego clássico, imbuído de influências estranhas, ou um simples conjunto de excepções a este. Os papiros descobertos no Egipto, a que já aludi

logo de início, mostraram que o grego bíblico era o grego usual na Palestina e no mundo greco-romano. Todavia é certo que o grego do «Novo Testamento» apresenta algumas características típicas.

Sòmente a título de exemplo, aqui deixo algumas dessas características:

I — Total desaparecimento do dual, tanto nas declinações como nas flexões verbais.

II — Evolução do grupo *γν* nos verbos *γίγνομαι* e *γινώσκω*, de que resultou *γίνομαι* e *γινώσκω*.

III — Faltam os adjectivos verbais em *τέος*, com uma única excepção: *ἀλλὰ οἶνον νέον εἰς ἀσκοὺς καινοὺς βλητέον* «mas o vinho novo deve ser lançado em odres novos» (Lc. 5,38).

IV — É muito raro o aumento no mais-que-perfeito da voz activa;

V — Alguns verbos, e. g. *βαίνω*, *νέμω*, *στέλλω*, só são usados em composição.

VI — Falta quase inteiramente o optativo. Segundo Maximiliano Zerwick, há apenas trinta e oito casos de optativo no «Novo Testamento» e vinte e nove destes nos escritos de São Paulo (1).

VII — Substituição frequentíssima dos verbos em *-μι* por verbos em *-ω*: *δίδωμι* é substituído por *διδῶ* (Ap. 3,9); *τίθημι* por *τιθῶ* etc..

VIII — Grande número de frases introduzidas por *ἵνα*:

1.º) O «Novo Testamento» usa frequentemente as orações introduzidas por *ἵνα*, onde naturalmente se esperaria o infinitivo, ou onde o infinitivo seria usado no grego clássico: *οὗτος ἦλθεν ... ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός*, «este veio para dar testemunho da luz» (Jo. 1,7).

Certamente o «Novo Testamento» foi já escrito numa época em que as frases apresentadas por *ἵνα* começavam a tomar o lugar do infinitivo na linguagem familiar, o que havia de acabar por o destronar por completo. No grego moderno o infinitivo nestas circunstâncias desapareceu por completo e foi substituído por *νά* com o conjuntivo (2).

2.º) Mas não foi apenas o infinitivo a ser substituído pelas orações introduzidas por *ἵνα* final. Esta conjunção invadiu o campo de muitas outras conjunções: *ῥαββεί, τίς ἤμαρτεν, οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ*

(1) Maximiliano Zerwick, *Graecitas Biblica*, Romae, 1955, pág. 103.

(2) H. P. V. Nunn, *A Short Syntax of New Testament Greek*, Cambridge, 1956, pág. 103.

ἵνα τυφλὸς γενηθῆ; «Mestre, quem pecou, este ou os seus pais, de tal modo que nascesse cego?» (Jo. 9,2); εἰὰν ὁμολογῶμεν τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν, πιστός ἐστιν καὶ δίκαιος ἵνα ἀφῆ ἡμῖν τὰς ἁμαρτίας «se confessarmos os nossos pecados [Deus] é de tal modo fiel e justo que perdoa os nossos pecados» (1.^a Jo. 1,9); ἦλθεν αὐτοῦ ἡ ὥρα ἵνα μεταβῆ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου ... «chegou a sua hora, quando devia partir deste mundo» (Jo. 13,1); Ἐβραὰμ ὁ πατήρ ὑμῶν ἠγαλλιάσατο ἵνα ἴδῃ τὴν ἡμέραν τὴν ἐμὴν, «Abraão, vosso pai, alegrou-se quando viu o meu dia» (Jo. 8,56). Parece claro que nestes casos e em muitos outros ἵνα está em vez de uma conjunção consecutiva e temporal.

3.^o) As frases introduzidas por ἵνα ocupam o lugar de proposições nominais, servindo:

a) de *sujeito*: ἐμὸν βρωμά ἐστιν ἵνα ποιήσω τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με, «meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou (Jo. 4,34); ἐστιν δὲ συνήθεια ὑμῖν ἵνα ἕνα ἀπολύσω ὑμῖν ἐν τῷ πάσχα, «é vosso costume soltar-vos um [preso] na Páscoa» (Jo. 18,39); συμφέρει ὑμῖν ἵνα εἷς ἄνθρωπος ἀποθάνῃ ὑπὲρ τοῦ λαοῦ, «é melhor para vós que um homem morra pelo povo» (Jo. 11,50);

b) de *complemento objectivo*: ἤρῳτα ἵνα καταβῆ καὶ λάσῃται αὐτοῦ τὸν υἱόν, «pedia que descesse e curasse o seu filho» (Jo. 4,47); εἰ υἱὸς εἶ τοῦ Θεοῦ, εἰπέ ἵνα οἱ λίθοι οὗτοι ἄρτοι γένωνται, «se és filho de Deus, diz que estas pedras se tornem pães» (Mt. 4,3);

c) de *simples infinitivos epexegeticos*: ἢ τίς σοι ἔδωκεν τὴν ἐξουσίαν ταῦτα ποιῆς; «ou quem te deu este poder: fazer estas coisas»? (Mc. 11,28); οὐδὲ οὐκ εἰμὶ ἐγὼ ἄξιος ἵνα λύσω αὐτοῦ τὸν ἱμάντα τοῦ ὑποδήματος «de quem eu não sou digno de desatar as correias do seu calçado» (Jo. 1,27).

d) de *imperativo*: ἵνα ἐλθὼν ἐπιθῆς τὰς χεῖρας αὐτῆ, «vindo, impõe-lhe as tuas mãos» (Mc. 5,23).

IX — Maior expressividade: A maior expressividade do grego do «Novo Testamento» nota-se:

a) na *repetição das preposições* depois dos verbos compostos: ὅστις ἐκβάλλει ἐκ τοῦ θησαυροῦ αὐτοῦ καινὰ καὶ παλαιά, «aquele que tira do seu tesouro coisas novas e velhas» (Mt. 13,52).

b) no *uso das preposições em vez dos casos simples*: εἰς προφήτην αὐτὸν εἶχον, «tinham-no como profeta» (Mt. 21,46); εἶπαν οὖν ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ, «disseram, pois, [alguns] dos seus discípulos» (Jo. 16,17); καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἐξουσία ἐπὶ τὸ τέταρτον τῆς γῆς, ἀποκτεῖναι ἐν ῥομφαίᾳ καὶ ἐν λιμῶ καὶ ἐν θανάτῳ «e foi-lhes dado poder

sobre as quatro partes da terra, para matar à espada, à fome e à morte» (Ap. 6,8);

c) no emprego do *dativo interno*: παραγγελία παρηγγείλαμεν «preceituamos severamente» (Act. 5,28); χαρᾷ χαίρει, «alegra-se muito» (Jo. 3,29);

d) no uso dos *participios gráficos*: ὁ δὲ ὑποκριθεὶς ἐνὶ αὐτῶν, εἶπεν «ele, porém, respondendo a um deles, disse» (Mt. 20,13); ὁ δὲ Πέτρος ἀναστὰς ἔδραμεν ἐπὶ τὸ μνημεῖον, «Pedro, porém, levantando-se correu ao sepulcro» (Lc. 24,12);

e) os *pronomes* são empregados *pleonasticamente*: ἧς εἶχεν τὸ θυγάτριον αὐτῆς πνεῦμα ἀκάθαρτον, «cuja filha, dela, tinha um espírito impuro» (Mc. 7,25); καθίσαντος αὐτοῦ προσῆλθον αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτούς, «sentando-se ele, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, ensinava-os» (Mt. 5,13).

X — O grego bíblico emprega palavras mais longas e mais sonoras em vez de outras mais curtas usadas pelos clássicos: καλῶς por εὖ; ἀκολουθῆω por ἔπομαι, etc.; usa, em vez dos nomes vulgares, os diminutivos em que o significado de diminutivo desapareceu: κοράσιον (Mt. 9,24); θυγάτριον (Mc. 7,25).

XI — O grego neotestamentário, por uma razão de simplicidade e pelo seu carácter de linguagem popular, manifesta uma peculiar tendência para a uniformidade:

Alguns nomes terminados em *α* precedido de *ρ* ou de vogal têm o genitivo e o dativo do singular em *-ης* e *-η*: σπείρης «coorte militar» (Act. 10,1); μαχαίρης «espada» (Heb. 11,34); πρόρης «proa» (Act. 27,30); μαχαίρη «espada» (Act. 12,2); Σαφίρη «Safira» (Act. 5,1).

Os nomes da terceira declinação terminados em *-εύς* uniformizam o acusativo do plural com o nominativo: ἀρχιερεῖς, «pontífices» (Act. 22,30); γονεῖς «pais» (Mt. 10,21; Mc. 13,12); γραμματεῖς «escribas» (Act. 4,5);

Os substantivos πατήρ, «pai» e θυγάτηρ «filha» igualam o vocativo ao nominativo no singular (Cf. Jo. 17,21 e Mc. 5,34).

O optativo do aoristo conserva o ditongo *αι* em todos as pessoas, (Cf. Lc. 6, 11; 1.^a Tes. 3,11).

Também o mais-que-perfeito retém o ditongo *ει* no plural (Act. 19,32).

O perfeito οἶδα segue uma flexão completamente uniforme em vez das formas irregulares clássicas.

Por tudo isto a linguagem do «Novo Testamento» adquiriu uma simplicidade característica.

A frequência das proposições coordenadas, em vez da subordinação, denota simplicidade de expressão, em vez da maturidade e riqueza de vocabulário. Isto evidencia-se no uso da partícula *καί* ligando uma série de frases: *Καὶ καθίσας κατέναντι τοῦ γαζοφυλακίου ἐθεώρει καὶ πολλοὶ πλούσιοι ἔβαλλον πολλά· καὶ ἔλθοῦσα μία χήρα πτωγῆ ἔβαλεν καὶ προσκαλεσάμενος τοῖς μαθητᾶς* «sentando-se em frente do gazofilácio reparava e muitos ricos deitavam muito e vindo também uma pobre viúva deitou e tendo chamado os seus discípulos....» (Mc. 12,41).

Certa confusão que parece existir no emprego das preposições de significação semelhante poderá ser atribuída à simplicidade de linguagem e à despreocupação dos autores sagrados: *ὁ Ἰησοῦς εὐθὺς ἀνέβη ἀπὸ τοῦ ὕδατος* «Jesus imediatamente subiu da água» (Mat. 3,16); São Marcos em lugar paralelo (1,9) escreveu: *καὶ εὐθὺς ἀναβαίνων ἐκ τοῦ ὕδατος* «e imediatamente, subindo da água»; *εἰς ἄνθρωπος ἀποθάνη ὑπὲρ τοῦ λαοῦ*, «um homem morra em favor do povo» (Jo. 11,50); *δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λίτρον ὄντι πολλῶν*, «dar a sua alma como redenção em favor de muitos» (Mt. 20,28).

* * *

São estas algumas das particularidades gerais do grego do «Novo Testamento», que, embora incorrecto para os puristas, é todavia cheio de viveza, sinceridade, colorido e emoção.

Os hagiógrafos escreviam como falavam e falavam como sentiam.

Se alguns livros apresentam uma forma literária mais cuidada, em vez da linguagem familiar e corrente, são casos excepcionais. A carta de S. Paulo aos Hebreus e a de S. Tiago mostram, pela superioridade de estilo, a mão de um secretário redactor.

A linguagem habitual neotestamentária é a vulgar, corrente no meio ambiente dos Apóstolos que empregavam uma maneira de falar compreensível a todos. Os livros do «Novo Testamento» eram destinados a ser lidos em voz alta nas assembleias litúrgicas, e daí as construções e palavras correntes. Não há cuidado em polir as frases ou qualquer trabalho em as preparar. A mão segue a vivacidade das imagens e das impressões, a prontidão da memória, a mobilidade da imaginação e movimento da vida. Cada autor o seu estilo.